

O Espelho de Cristo: A Representação da Estigmatização de Francisco de Assis nas Hagiografias Franciscanas

Alex Silva Costa¹

Resumo:

A pesquisa analisa a representação do milagre da estigmatização de Francisco de Assis a partir dos discursos das fontes hagiográficas sobre o santo, entre elas, a *Vita Prima (IC)* de Tomás de Celano escrita em 1228, a *Legenda Maior (LM)* de São Boaventura escrita em 1263, *O Espelho da Perfeição (SP)* atribuída a Frei Leão, dentre outras. A graça aconteceu em setembro de 1224, na solidão montanhosa do Monte Alverne na Itália Central, quando, ao receber as chagas do Crucificado, Francisco de Assis teria se personificado na figura de Jesus Cristo. Através da comparação dos discursos das fontes evidenciou-se a preocupação dos hagiógrafos em demonstrar que o santo era a representação terrena e humana do próprio Cristo; nas mesmas é descrito que ambos seriam uma só pessoa. O milagre significaria a grande similitude icnográfica de Francisco no Cristo crucificado. Francisco de Assis ganhará no corpo o “carimbo de Deus”, um selo que marcará para sempre sua identificação com a imitação da vida de Jesus Cristo. Por isso, Francisco seria “modelo de um novo tipo de santidade centrado sobre o Cristo a ponto de se identificar com ele como o primeiro homem a receber os estigmas” (LE GOFF, 2007, p.09).

Palavras-chaves: São Francisco, Representação, Cristo.

Summary:

The research analyzes the representation of the miracle of stigmatization of Francis of Assisi from the speeches of hagiographic sources about the saint, including, *Vita Prima (IC)* of Thomas of Celano written in 1228, the *Legenda Maior (LM)* of St. Bonaventure Written in 1263, *The Mirror of Perfection (SP)* attributed to Brother Leo, among others. Grace was in September 1224, in the solitude of the mountain La Verna in central Italy, where to get the wounds of the Crucified, Francis of Assisi would be personified in the figure of Jesus Christ. By comparing the speeches of the sources revealed the concern of the hagiographers to demonstrate that the saint was a human and earthly representation of Christ Himself, the same is described that both would be one person. The miracle would mean the great similarity icnográfica Francisco in Christ crucified. Francis of Assisi in the body will gain the "seal of God", a label that will forever mark their identification with the imitation of the life of Jesus Christ. Therefore, Francisco would be "a model of a new kind of holiness centered on Christ to the point of identifying with him as the first man to receive the stigmata" (LE GOFF, 2007, P.09).

Keywords: San Francisco, Representation, Christ.

1.Introdução

Um grande pequeno homem veio ao mundo no ano de 1181 ou 1182 para mudar pelo seu exemplo vida e representação humana a sociedade em que vivia. Foi a partir da construção de uma personalidade emblemática e intrigante, pautada em Cristo e seu Evangelho que Francisco se tornou um *divisor de águas* na história da humanidade.

¹ Graduando do Curso de História Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Bolsista de Iniciação Científica da FAPEMA. Membro do Mnemosyne (Laboratório de História Antiga e Medieval).

Assis, uma cidade localizada na região da Úmbria, foi seu local de nascimento. Giovanni di Pietro de Bernardone era chamado de Francisco, com o passar dos tempos gloriosos e difíceis de sua vida terrena teve sua santidade oficialmente reconhecida em 1228 com sua canonização, embora não deixasse dúvidas que era um santo em vida, desde então o *poverelo*² de Deus passou a ser chamado de São Francisco de Assis.

Um homem que em vida encheu-se do divino para tornar-se mais humano, e que cuidando do humano tornou-se mais divino. As considerações são baseadas no pensamento de Santo Agostinho, do qual podemos dizer ainda, que fora tão grande e profunda a força do amor de Francisco por Cristo, que o amante transformou-se na imagem do seu amado, pois Francisco “possuía Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros (IC, 1997, p.263).

A pesquisa analisa os discursos das “fontes” *Hagiográficas Franciscanas* primitivas, entre elas, a *Vita Prima (IC)* de Tomás de Celano escrita em 1228, a *Legenda Maior (LM)* de São Boaventura escrita em 1263, *A Legenda dos Três Companheiros (3S)* atribuída aos Freis Leão, Rufino e Ângelo, dentre outras. Ao comparar os discursos das fontes encontramos semelhanças na hipótese de ter Francisco de Assis se transformado na representação terrena de Jesus Cristo após ter recebido os santos estigmas em 1224 na solidão montanhosa do Monte Alverne, na Itália Central.

Francisco viveu numa época de muitas guerras, epidemias e desvirtuamentos cristãos. A Igreja Católica estava em crise, com muitos conflitos internos e externos. Foi imerso nesse contexto sócio-religioso do final do século XII e início do XIII que ele fora chamado por Deus para restaurar a sua igreja.

Francisco de Assis era um jovem rico, alegre, que cantarolava com seus amigos pela cidade onde se divertiam em festas noturnas. Seus pais eram Mônica (Pica) uma senhora muito piedosa de origem nobre e Pietro Bernardone um rico mercador que trabalhava com tecidos. Francisco foi tentado pela vida cavalheiresca, e muito de sua personalidade está pautada no ideal da *Cavalaria*. Queria ser um nobre cavaleiro, homem de armas, por pouco não realizou este sonho, já que desde a juventude “sua imaginação, misteriosamente tocada, já sonhava em imitar as façanhas dos cavaleiros de França” (SABATIER, 2006, pp. 96-97).

Participou da guerra entre Assis e Perugia em 1202, sua cidade foi derrotada e ficou durante um ano preso em Perugia como refém; na ocasião Francisco teria sido recluso junto

² Apelido italiano do santo, significa pobrezinho.

aos nobres revoltados e não com a massa popular em específico. Em 1205 parte para a guerra na Apúlia, no meio do caminho teria recebido uma visão que lhe indicava o caminho de volta, e ao chegar em Espoleto uma febre tomou conta de seu corpo e não restou outra alternativa a não ser o seio familiar.

Ao chegar em casa decide mudar a trajetória de sua vida; mantém-se reflexivo e caridoso para com os pobres, isola-se um pouco de seus companheiros, as visitas e a contemplação aos campos de sua terra natal aumentam. É nesse momento que começa a inquietação de sua conexão com o divino, ele procurava uma resposta e um novo sentido à vida. Não demorou, e em 1205 encontrou o que procurava, ao passar pelas ruínas da antiga igreja de São Damião recebe a *mensagem* de um crucifixo de estilo românico, onde o Cristo era representado glorificado e ressuscitado.

Em 1206 acontece de fato sua conversão, já que resolveu renunciar de maneira espetacular ao sonho de ser cavaleiro. Francisco seria daí por diante um “cavaleiro para Cristo”, sua armadura será uma túnica de eremita e sua espada o evangelho. Nessa data Francisco põe fim ao sonho de sucessão de seu pai que desejava vê-lo triunfar em seu lugar. O grande rompimento acontece quando o *poverello* decidiu vender alguns tecidos do estabelecimento comercial da família para distribuir o dinheiro entre os pobres por um lado, e por outro para doar à Igreja de São Damião para tentar reconstruí-la. Fez tudo isso na ausência do pai. O mesmo, ao saber do ocorrido ficara transtornado, causando grande escândalo popular ao levar o filho até o Bispo de Assis, Dom Guido II, para tentar resolver a questão. É quando Francisco despoja-se de toda sua roupa em local público, para em seguida ser coberto pelo Bispo, acompanhe o relato:

Despiu-se imediatamente, jogou ao chão suas roupas e as devolveu ao pai. Não guardou nenhuma peça de roupa, ficou completamente nu diante de todos. O Bispo, compreendendo sua atitude e admirando seu fervor e sua constância, levantou-se e o acolheu em seus braços, envolvendo-o na capa que vestia. Compreendeu claramente que era uma disposição divina e percebeu que os atos do homem de Deus que estava presenciando encerravam algum mistério (IC, 1997, p.189).

O mistério para Tomás de Celano é a confirmação definitiva da conversão de Francisco, agora tudo estava consumado, desde 1205 o santo recebia sinais e visões espirituais, além disso, encontrava-se confuso sobre qual atitude deveria tomar. O despojamento significaria sua renúncia para a riqueza e o nascimento para a pobreza; quando a autoridade eclesiástica o veste, representaria o acolhimento da Santa Igreja pelo seu novo

estilo vida. Sendo que estas observações só fazem sentido se levarmos em consideração as posições e obras dos franciscanos *moderados*.

Depois deste episódio, começa a cuidar dos leprosos, veste-se de eremita e inicia a restauração da capela São Damião, depois São Pedro e Santa Maria dos Anjos (Porciúncula). Passa a ser um restaurador da *igreja física* para mais tarde tornar-se um restaurador da *igreja espiritual*. Junto com alguns de seus concidadãos começa a experimentar a pobreza e a servir a Cristo e seu Evangelho. Com eles forma um grupo itinerante que tem como lugares de referência duas modestas Igrejas nos arredores de Assis, São Damião e Porciúncula. Mas ao começar o seu novo estilo de vida, o peregrino é tido como louco porque ninguém entendia suas atitudes e como Cristo se manifestava na sua figura. No entanto, o *mendigo de Deus* não se rendeu aos desafios e conseguiu novos adeptos.

Seu grupo itinerante possuía preceitos como a prática literal do Evangelho, a penitência e a pobreza, esses modelos de vida não agradavam a todas as pessoas da época, o que gerou muitos conflitos entre os nobres e os comerciantes que viam seus filhos deixarem suas casas para irem ao encontro de Francisco. As autoridades eclesiásticas temiam o grande sucesso do empreendimento franciscano, o que resultou em ataques contra os frades e até mortes, isto entristeceu Francisco e o levou até Roma em 1210 para pedir a bênção e autorização do Sumo Pontífice. Teve a bênção e o reconhecimento de sua fraternidade após um diálogo difícil com o papa Inocêncio III.

Ele queria ter a aprovação do papa, ou seja, queria ser obediente e não um contestador da autoridade máxima da Igreja, Inocêncio III, no momento. Francisco “está convencido do primado do poder espiritual sobre o temporal, mais ainda, está convencido de que o vigário de Cristo possui as duas forças, os dois poderes” (LE GOFF, 2007, p.72). Este fato é característico no santo e o distingue claramente dos reformadores de então.

Em 1223 Francisco redige uma nova regra, aprovada pelo papa Honório III (*Regula Bullata*). A Ordem ficou composta de clérigos e leigos divididos em torno dos princípios do “franciscanismo primitivo”. Essa nova regra além de ser composta por Francisco, teve que ser reescrita por exigência do papa, sendo definitivamente aprovada na data citada acima, depois que Francisco suprimiu as passagens mais provocativas sobre a pobreza e a vida comunitária, sobre os cuidados que se tinha que ter com os pobres, leprosos e mendigos, ou seja, com os *menores*. Um ano depois, em 1224, experimentará Deus em seu corpo, em sua alma e terá a alcunha de ser a representação terrena de Cristo, e se tornará o primeiro estigmatizado da História.

Por isso comparamos os discursos das “fontes” *Hagiográficas Franciscanas* escritas a partir do século XIII para analisarmos as representações do imaginário medieval cristão sobre a estigmatização e personificação de Francisco de Assis na figura do Cristo crucificado.

2. As Hagiografias Franciscanas

Segundo Le Goff todas as fontes biográficas escritas pelo grupo *moderado* do franciscanismo primitivo têm com principal referência as obras de Tomás de Celano, que as compôs a pedido de altas personalidades eclesiásticas, ressalta isso porque Tomás de Celano além da *Vita Prima* escreveu a *Vita Secunda*, e vários outros escritos sobre São Francisco, a respeito da primeira enfatiza que:

Essa vida, muito bem informada, silencia todo traço de dissensão dentro da Ordem, seja entre a Ordem e a cúria romana, faz o elogio de Frei Elias, então muito poderoso, e se inspira nos modelos historiográficos tradicionais (LE GOFF, 2007, p.55).

Já para André Vauchez os problemas internos da ordem colocaram variações nos textos porque os autores testemunhavam a partir de seus interesses e visões formativas, ou mesmo pela situação conflituosa do tempo vivido, enfoca a parcialidade de quem escreve e de seus encomendadores, exemplifica dizendo que essa situação:

É bem visível nas variações que apresentam as duas primeiras biografias oficiais, obras do franciscano Tomás de Celano. Enquanto na primeira, o irmão Elias de Cortona (comanditário da obra com o papa Gregório IX) ocupa um certo lugar e é apresentado sob uma luz favorável, a sua ação e as suas relações com S. Francisco são evocadas em termos nitidamente mais discretos na segunda. É que entretanto esta personagem contestada fora obrigada a abandonar a direção da ordem e reunir-se ao imperador Frederico II em luta contra o papado (VAUCHEZ, 1994, pp. 246-247).

Atentemos agora a outra fonte utilizada, a *Legenda Maior (LM)* de São Boaventura, a mesma fora aprovada pelo capítulo geral de 1263, e o de 1266 tomou a decisão de proibir aos frades qualquer outra leitura sobre a vida do santo. Além disso, ordenou que os frades destruíssem todos os escritos anteriores relativos ao santo. O objetivo dessa medida era impedir que os frades tivessem outra referência que não fosse a de São Boaventura, que na época era o Ministro-Geral da Ordem. Ao impor esta medida a obra tinha que ser tida como única vida canônica. Le Goff critica essa decisão e expõe:

Ao tomar essa medida a Ordem contrariava os desejos do próprio santo que em seu testamento pedia que zelassem pela autenticidade de sua vida, dos documentos. E

ainda obrigou-lhes a ter obediência com relação as suas palavras para que nada se acrescentasse e nem nada cortassem, basta ver o que declarou em seu Testamento: “O Ministro-Geral e todos os outros ministros e os custódios estão obrigados, por obediência, a não acrescentar nada nem nada cortar destas palavras. Antes, tenham este texto sempre consigo junto com a Regra, leiam também estas palavras” (LE GOFF, 2007, p.52).

Para André Vauchez a intenção de São Boaventura ao escrever a *Legenda Maior* era a de restabelecer a unidade e a concórdia no seio da ordem. Pois observa que o mesmo era Ministro-Geral da Ordem (1257-1274) quando da publicação da obra. Ainda para o mesmo autor, devemos dar atenção às recordações de Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo que teriam relatado por escrito, após 1224, por medo de ver caída no esquecimento a verdadeira imagem daquele a quem tinham amado e seguido:

Inquietos com a evolução da ordem sublinhavam sobretudo o espírito de pobreza do fundador, a desconfiança de que tinha dado testemunho face aos estudos e o seu apego apaixonado aos valores evangélicos. Ignora-se qual foi a forma exata desta preciosa recolha a que se chama o *Florilégio de Greccio* e os especialistas ainda hoje discutem o seu conteúdo e a sua organização interna. Mais o essencial foi transmitido em dois textos compostos em meados do séc. XIII: *A Legenda dos Três Companheiros* e a *Lenda* (denominada) de Perúsia, que se revestem efetivamente de uma importância particular (VAUCHEZ, 1994, p. 246).

Para Le Goff a *Legenda* escrita por São Boaventura é quase inútil como fonte da vida de São Francisco, e de um modo ou de outro, deve ser controlada por documentos mais seguros, já que:

Em rigor, com todo o seu trabalho de pacificador, São Boaventura, apesar de sua profunda veneração a São Francisco e de se basear em fontes anteriores autênticas, realizou uma obra que ignora as exigências da ciência histórica moderna, por ser tendenciosa e fantasista (LE GOFF, 2007, p.53).

A polémica em torno dos discursos das “fontes” *Hagiograficas Franciscanas* é tão grande que fora necessário aguardar alguns séculos segundo André Vauchez para que:

Se redescobrisse o texto da *Lenda de Perúsia*, assim como outras biografias de S. Francisco compostas no início do século XV pelos franciscanos ‘espirituais’- isto é hostis ao relaxamento e às atenuações das exigências da regra em matéria de pobreza- como é o caso do *Espelho de Perfeição* (VAUCHEZ, 1994, p.246).

Para Le Goff as exigências da crítica histórica moderna levaram no fim do século XIX a uma revisão do São Francisco tradicional. Poder-se-ia considerar a celebração do sétimo centenário do nascimento do santo em 1882 como prefácio dessa revisão, além da edição, na mesma ocasião da encíclica *Auspiciatum concessum*, de Leão XIII. Mas para o autor o

“autêntico ponto de partida da busca do verdadeiro São Francisco é a obra fundamental do prostetante Paul Sabatier, em 1894” (LE GOFF, 2007, p.54).

Para André Vauchez, Paul Sabatier pôs em causa a autenticidade até então incontestada das biografias oficiais (I e II Celano, *Legenda Major*) e suscitou um grande escândalo ao escrever uma vida de S. Francisco inspirada no *Espelho de Perfeição*, no qual julgava ter encontrado a vida mais antiga do *Poverello*. Para ele a “hipótese de Sabatier era falsa, mas teve o mérito de suscitar pesquisas que permitem hoje aos historiadores avançar sobre um terreno menos minado” (VAUCHEZ, 1994, p.247).

3. A personificação de Francisco na figura de Cristo

Ao passar pela Igreja de São Damião, que estava prestes a ruir de tão velha, sentiu-se atraído a entrar e rezar. De joelhos diante do Crucificado, sentiu-se confortado imensamente em seu espírito e seus olhos se encheram de lágrimas ao contemplar a cruz. Subitamente, ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por três vezes: ‘Francisco vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas’ (*LM*, 1997, p.469).

Esta mensagem pode ser tida como a gênese da admiração de Francisco de Assis pelo Senhor Crucificado, pode ser considerado um dos marcos iniciais da busca do jovem Francisco pela sua identificação com o filho de Deus. Tomás de Celano na sua *Vita Secunda* descreve esse momento de conexão divina:

A tremer, Francisco espantou-se não pouco e ficou de fora de si com o que ouviu. Tratou de obedecer e se entregou todo à obra (...). Desde essa época, domina-o enorme compaixão pelo Crucificado, e podemos julgar piedosamente que os estigmas da paixão desde então lhe **foram gravados não no corpo mas no coração** (*2C*, 1997, p.294) (grifo nosso).

No Crucifixo de São Damião o Cristo está representado de forma glorificada porque já está ressuscitado. Na mesma, a imagem do Cristo na cruz está mais voltada para a condição humana, o que entre outros fatores, a torna fundamental para a espiritualidade franciscana. Além disso, o Crucifixo possui uma interpretação *Joanina* bastante presente em sua simbologia, por exemplo, o Cristo na cruz representando a luz do mundo.

Muito importante notar que o primeiro contato pessoal com o crucificado de São Damião, para Francisco chamado pelo nome Cristo ‘vivo’(que fala!), foi ao mesmo tempo um contato cheio de consolação ou alegria divina e de compaixão, isto é, uma perfeita e íntima alegria no Crucificado, uma verdadeira ferida ou êxtase de amor doloroso e jubiloso; um amor que faz chorar e cantar ao mesmo tempo. Este é um aspecto pouco lembrado por aqueles que insistem na compaixão dolorosa de

Francisco ao Crucificado. O mesmo êxtase de sofrimento e de alegria ao mesmo tempo, o Santo o viverá por ocasião da estigmatização (ASSELDONK, 1989, p.19).

O ano era 1224, e faltavam apenas dois anos para a *passagem* de Francisco de Assis do plano terrestre para o celeste, nesse período iniciou um retiro de quaresma em honra a São Miguel Arcanjo no monte Alverne, na Itália Central. Segundo Paul Sabatier, no Alverne, Francisco encontrava-se ainda mais absorto que costumeiramente através de seu desejo de sofrer por Jesus e com ele, e esclarece que:

Seus dias se passavam divididos, entre os exercícios de piedade, no humilde santuário construído no alto da montanha e a meditação no meio da floresta. Acontecia até de esquecer a Igreja e permanecer vários dias sozinhos, em algum esconderijo da rocha, para repassar, em seu coração, às lembranças do Gólgota. Outras vezes permanecia longas horas aos pés do altar, lendo e relendo o Evangelho e suplicando a Deus o caminho que devia seguir (1 Cel 91-94; LM 13-1-2). O livro quase sempre se abria no relato da Paixão e essa simples coincidência, aliás, bem compreensível, bastava para perturbá-lo. A Visão do Crucificado penetrava sempre mais em suas faculdades com a aproximação da Exaltação da santa cruz (14 de setembro). Francisco completamente transformado em Jesus pelo amor e pela compaixão, intensificava seus jejuns e suas orações segundo uma das lendas. Passou a noite que precedia a festa, sozinho, em oração, não longe do eremitério. Ao amanhecer teve uma visão (SABATIER, 2006, pp 311-312).

O peregrino de Assis mergulhado em profundo êxtase pedia a Deus uma resposta, enquanto sua alma se mesclava entre a tristeza e a alegria, o pai seráfico na sua incansável contemplação a Cristo recebe de Deus de maneira milagrosa e familiar, possivelmente no dia 14 de setembro, a confirmação de sua busca:

Dois anos antes de entregar sua alma ao céu, teve uma visão de Deus em que viu um homem, com aparência de Serafim de seis asas, que pairou acima dele com os braços abertos e os pés juntos pregado numa cruz. Duas asas elevaram-se sobre a cabeça, duas estendiam-se para voar e duas cobriam o corpo inteiro (IC, 1997, p.246).

Francisco ficara admirado e confuso, ainda não tinha entendido o significado da visão. O fato do Serafim está crucificado o deixara em estado de inquietude e contemplação, o que estava prestes a acontecer naquele momento, não só confirmaria sua busca pela “perfeição evangélica” quanto atingia o apogeu de sua identificação e personificação em Cristo.

É relatado na fonte *Dos Sacrossantos Estigmas de S. Francisco e de suas Considerações (Csd)* mais uma evidência de que para o imaginário cristão medieval Francisco de Assis após a estigmatização teria se tornado imagem e semelhança do Cristo crucificado:

E estando nessa admiração, foi-lhe revelado, por aquele que lhe aparecia, que por divina providência aquela visão lhe era mostrada em tal forma, para que ele

compreendesse que, não por martírio corporal mas por incêndio mental, devia ser todo transformado na expressa similitude do Cristo crucificado (Csd, 1997, pp. 1210-1211).

O filho de Deus se tornaria concreto na pessoa de Francisco de Assis, ele seria a representação humana do Cristo crucificado, o *Espelho de Cristo*. Seria aquele que definitivamente mudaria o percurso da igreja não só pelas suas ações, mas também agora por aquilo que representava, atente a descrição:

Seu coração estava inteiramente dominado por está visão, quando, em suas mãos e pés começaram a aparecer, assim como as vira pouco antes no homem crucificado, as marcas de quatro cravos. Suas mãos e pés pareciam atravessados bem no meio pelos cravos, aparecendo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés, com as pontas saindo do outro lado. Os sinais eram redondos no interior das mãos e longos no lado de fora, deixando ver um pedaço de carne como se fossem pontas de cravos entortadas e rebatidas, saindo para fora da carne. Também nos pés estavam marcados os sinais dos cravos, sobressaindo da carne, o lado direito parecia atravessado por uma lança, como uma cicatriz fechada que muitas vezes soltava sangue, de maneira que sua túnica e suas calças estavam muitas vezes banhadas no sagrado sangue (IC, 1997, p.246-247).

É neste momento milagroso e intrigante que fora descrito primeiramente por Tomás Celano na *Vita Prima* que Francisco recebe o *Carimbo de Deus*, que eram as chagas do Cristo crucificado. Tornava-se o primeiro estigmatizado do Cristianismo e o único reconhecido oficialmente pela Igreja Católica³. Essa narração da estigmatização é tida como exemplo e referência para as fontes posteriores. O peregrino de Assis se transformaria naquele momento no *exemplo vivo* de Cristo. Paul Sabatier esclarece que Francisco se liga a tradição apostólica “durante os últimos anos de sua vida, em que renova em seu corpo a paixão de Cristo. Há no proximismo do amor divino ineffabilia (coisa inefáveis) que longe de poder contar ou fazer compreender, só se pode lembrá-las a si mesmo” (SABATIER, 2006, p. 311).

Segundo Le Goff é quando “Francisco termina sua caminhada à imitação de Cristo, é o ‘servo crucificado do Senhor Crucificado’, senti-se confirmado em sua missão pelos estigmas” (LE GOFF, 2007, p.89).

Na *Legenda dos Três Companheiros (3S)*, é descrito de forma particular que o próprio Deus “querendo mostrar ao mundo inteiro o fervor do amor e a perene memória da paixão de Cristo que Francisco trazia em seu coração, honrou-o magnificamente, ainda em vida, com a admirável prerrogativa de um singular privilégio” (3S, 1997, p. 694). Na mesma fonte temos como condicionamento da verdade dos sagrados estigmas a grande quantidade de milagres

³ Cf.Documentário *Stigma* da natgeotv.com.

que o santo realizara tanto em vida como após sua morte, os sinais do crucificado seriam elementos legitimadores de sua santidade:

A verdade inegável desses estigmas manifestou-a Deus claramente não só na vida e na morte, pelo que deles se podia ver e palpar, mas também depois de sua morte pelos muitos milagres em várias partes do mundo. Por causa desses milagres, muitos que não haviam julgado retamente acerca do homem de Deus, pondo em dúvida seus estigmas, chegaram a tanta certeza, que, se antes haviam sido seus detratores, pela bondade atuante de Deus e compelidos pela verdade, tornaram-se dele fidelíssimos devotos e defensores (3S, 1997, p. 695).

Leonardo Boff concebe o episódio do Monte Alverne como o momento sublime de identificação corporal de Francisco Assis com o seu grande referencial de vida:

A vontade de identificação de Francisco com o Cristo crucificado conseguiu, por obra e graça de Deus, fazê-lo também crucificado. Agora já não há mais tentação de fidelidade. Há uma *inscrição na carne* cujo código de leitura é acessível a todos os que, na fé, puderem ler: os estigmas, *sinai da verdade* de Jesus Cristo (BOFF, 2002, p.169) (grifo nosso).

Temos ainda em *Dos Sacrossantos Estigmas de S. Francisco e de suas Considerações (Csd)* a descrição que o amor devotíssimo de Francisco na pessoa de Cristo e na sua paixão era tão grande “que todo ele se transformara em Jesus pelo amor e pela compaixão” (Csd, 1997, p.1210). E ainda é enfatizado na *Quarta consideração dos sacrossantos estigmas* que fora “o verdadeiro amor de Cristo que transformou perfeitamente S. Francisco em Deus e na vera imagem de Cristo crucificado” (Csd, 1997, p.1214).

No entanto, para André Vauchez o *fenômeno dos estigmas* seriam “vestígios de uma identificação física de São Francisco com o Cristo crucificado” (VAUCHEZ, 1995, p. 132). Coloca ainda em discussão a interpretação mística e escatológica que São Boaventura teria dado a esse fenômeno sobrenatural, pois:

Demonstram uma vontade de apresentar o Pobre de Assis como um “segundo Cristo” (*alter Christus*), cuja santidade e conformidade com o seu divino mestre eram comprovadas por essas chagas de origem divina. É difícil, senão impossível, saber o que realmente ocorreu quando da estigmatização. Os relatos- confusos e contraditórios- das raras testemunhas e dos mais antigos textos hagiográficos, e também a iconografia primitiva da cena, ressaltam a sua dimensão teofânica, a saber, o aparecimento a Francisco de um serafim portador de uma revelação impressionante, centrada na infinita grandeza de Deus-Trindade, no seu próprio destino espiritual e no da sua ordem (VAUCHEZ, 1995, p.132).

São Boaventura na *Legenda Maior (LM)*, relata que Francisco prefigura o anjo que sobe do oriente carregando o selo do Deus vivo, conforme a predicação verídica do outro

amigo do esposo, o apóstolo e evangelista São João: “Ao abrir-se o sexto selo, vi outro anjo subindo ao nascente carregando o selo do Deus vivo” (Ap 7,12). E acrescenta ainda que:

Considerando a perfeição de sua extraordinária santidade, chegaremos sem dúvida algum dia a convicção de que esse mensageiro de Deus era o seu servo Francisco, que foi achado digno de ser amado por Cristo, imitado por nós, e admirado pelo mundo inteiro. Pois enquanto viveu entre os homens, imitou a pureza dos anjos, tornado-se um exemplo para os seguidores de Cristo. Mas o que nos confirma nesses sentimentos é a prova irrefutável de sua verdade: o selo que fez dele a imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado, o selo impresso em seu corpo, não por uma força natural nem por algum recurso humano, mas pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo (LM, 1997, p.462).

Em *O Espelho da Perfeição* (Sp) Francisco é tido como fiel servidor e perfeito imitador de Cristo, e é enfatizado que o mesmo “sentia que estava completamente transformado em Cristo pela virtude da santa humildade e desejava que esta mesma virtude resplandecesse em seus frades acima de todas as demais” (Sp, 1997, p.927).

O grande milagre da estigmatização de 1224 é o estágio máximo da personificação de Francisco de Assis na figura de Cristo. É quando o santo transcende a sua condição humana e legitima sua entrada na hierarquia celeste. O peregrino de Assis torna-se *imagem e semelhança do Cristo crucificado*. A sua estigmatização o torna detentor de uma singularidade sobre os outros santos, a graça alcançada o transforma no *Alter Cristus*, ou seja, no *Outro Cristo*.

O peregrino de Assis se transformou em mais um crucificado a ser compreendido e estudado pelas transformações que causou na religião, sociedade e imaginário medieval. O *poverello* conseguiu levar ao extremo a sua admiração e identificação por Cristo e seu evangelho, ele era a representação do próprio Messias no medievo, ou seja, o *Cristo Medieval*.

No entanto, terminam-se essas considerações dando destaque a posição de André Vauchez sobre a vida apostólica de Francisco de Assis e os consequentes desdobramentos da estigmatização em 1224, para o autor:

Francisco de Assis a partir de sua conversão, esforçou-se por “seguir nu o Cristo nu”. Com ele pela primeira vez na história do cristianismo, a vida religiosa deixa de ser concebida como uma contemplação do mistério de Deus e passa a ser concebida antes como uma imitação de Cristo ou, melhor ainda, com a busca de uma conformidade sempre mais estreita com o seu exemplo e a sua pessoa. Depois da morte de S. Francisco os irmãos menores celebrarão nele um novo ou um segundo Cristo (alter Christus), o que permitirá mais tarde a Lutero censurá-los por quererem fazer dele “um outro Deus”. Quer esta crítica seja fundada quer não, não há no Pobre de Assis nenhuma ambiguidade: não se encontra nele nem ambição prometeica nem aspiração panteísta, mas o desejo ardente de se tornar semelhante ao Crucificado e

de permitir a cada cristão fazer o mesmo. Para o conseguir, não havia aos seus olhos outro caminho senão o de uma fidelidade literal -o que não quer dizer estreita- ao Evangelho (VAUCHEZ, 1994, p.254).

4. Considerações Finais: O segundo verbo que habitou entre nós

Acorriam os frades seus, chorando, beijavam as mãos e os pés do piedoso pai que os deixava e também o lado, cuja chaga era uma lembrança preclara daquele que também derramou sangue e água desse mesmo lugar e assim nos reconciliou com o Pai. Para as pessoas do povo era o maior favor serem admitidas não só para beijar, mas até só para ver os sagrados estigmas de Jesus Cristo, que Francisco trazia em seu corpo (IC, 1997, p.261).

A citação acima se refere ao *Trânsito* (passagem do plano terrestre para o celeste) de Francisco e relata de maneira emblemática a movimentação das pessoas da época para tocarem nas sagradas relíquias carnis do santo, não é a toa que há a criação de um grande sistema de proteção em volta dos últimos momentos de sua vida.

Seu corpo fora vigiado por guardas de Assis na capela de Santa Maria dos Anjos (Porciúncula) para preservá-lo tanto de uma possível investida inimiga dos *Infiéis* quanto do avanço populacional, tudo isso era controlado pelo tão contestado Frei Elias, na época na direção da Ordem dos Frades Menores. Na capela o *poverello* italiano despede-se em semelhança a Cristo, para até na morte evocar a memória das últimas realizações do salvador. É nesse momento que segundo Le Goff:

Francisco alcança os últimos gestos da imitação de Cristo dos quais, antecipadamente, recebeu, através dos estigmas, a marca final. A 2 de outubro, reproduz a ceia. Benze e parte o pão e o distribui a seus irmãos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico do irmão sol, lê a paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Nesse momento um dos seus irmãos vê de repente sua alma, como uma estrela, subir direto ao céu (LE GOFF, 2007, p.91).

Foi no anoitecer do dia 03 de outubro de 1226 em Porciúncula que partiu deste mundo para o Pai, o pobrezinho Francisco. Ao morrer um frade que era seu discípulo teria visto a alma do santíssimo subindo diretamente para o céu, acima das águas. Era como uma estrela, tendo de alguma forma o tamanho da lua, retinha toda a claridade do sol e levava embaixo uma nuvenzinha branca. Esse episódio descrito tanto na *Vita Secunda* de Tomás de Celano quanto na *Legenda Maior* de São Boaventura, e também por Le Goff simboliza a legitimação da idéia de que Francisco no seu *Trânsito* já estava santificado.

O bem-aventurado pai Francisco fez tudo isso com perfeição, e até reteve a figura e a forma do Serafim, porque preservou na cruz e mereceu voar para a altura dos

espíritos sublimes. Esteve sempre crucificado porque nunca fugiu de trabalho ou dor só para cumprir em si mesma e consigo mesmo a vontade de Deus (...). Apresenta, ó Pai, a Jesus Cristo, Filho do sumo Pai, os seus sagrados estigmas, e mostra os sinais da cruz no lado, nos pés e nas mãos, para que ele se digne ter a misericórdia de mostrar suas próprias chagas ao Pai, que, na verdade, por causa disso, sempre se deixará aplacar por nós, pobres. Amém! Assim seja! Assim seja! (1C, 1997, pp.263-266).

No dia 04 de Outubro, Francisco já havia alcançado a glória celeste, quando foi sepultado na Igreja de São Jorge em Assis. Sendo interessante ressaltar que o cortejo fúnebre passa antes pelo mosteiro de São Damiano para a despedida de Clara e suas irmãs. Além do mais, não restavam dúvidas que o peregrino de Deus era um santo em vida, como prova possuía a autenticação, ou o *Carimbo de Deus*, que era os seus sagrados estigmas:

Se o testemunho não fosse tão evidente, mal poderiam acreditar. Brilhava nele uma representação da cruz e da paixão do Cordeiro imaculado, que lavou os crimes do mundo, parecendo que tinha sido tirado havia a pouco tempo da cruz, tendo as mãos e os pés atravessados pelos cravos e o lado como que ferido por uma lança (1C, 1997, p.260).

Na *Vita Secunda* de Tomás de Celano é descrita uma visão interessante que nos adverte para a “aparição do santo pai a um frade, depois de sua morte”, na ocasião um frade de vida louvável, estava suspenso em oração naquela noite e hora quando:

O glorioso pai apareceu vestido com uma dalmática cor de púrpura, acompanhado por uma multidão de pessoas. Muitos, que saíam dessa multidão, disseram ao frade: “ó frade, será que esse é o Cristo”? Ele respondia: “É ele mesmo”. Mas outros também perguntavam: “Mas não é São Francisco?” O frade também dizia que era ele mesmo. E de fato, tanto para o frade como para todo aquele povo, dava a impressão de que **Cristo e São Francisco eram uma só pessoa**. Os verdadeiros inteligentes não vão achar temerária essa afirmação, porque aquele que adere a Deus torna-se um só espírito com ele, e o próprio Deus vai ser um só em todos no futuro (2C, 1997, p.443) (grifo nosso).

Foi exatamente isso que tentou-se demonstrar nessa pesquisa, que Francisco de Assis era no medievo a representação do próprio Messias. Através das “fontes” *Hagiográficas Franciscanas* percebe-se isso claramente na construção dos discursos, que o Santo personificou-se na figura de Cristo, que estavam amalgamados um no outro. Francisco de Assis consolidou na Idade Média Central um novo estilo de vida e espiritualidade cristã. O “peregrino de Assis” teria sido o segundo verbo que se fez carne e habitou entre nós. E contemplou-se sua glória: glória de ser *imagem (chagas)* e *semelhança (estilo de vida evangélica)* de Cristo, cheio de amor e fidelidade.

5. Referências

Fontes Primárias:

Legenda Maior (LM) e Legenda Menor (Lm), São Boaventura; tradução Frei Romano Zago, O.F.M. *Vita Prima (1C) e Vita Secunda (2C) de São Francisco, Tomás de Celano*; Tradução: Frei José Carlos Pedroso. *Dos Sacrossantos Estigmas de S. Francisco e de suas Considerações (Csd)*; Tradução: Durval de Moraes. *Legenda dos Três Companheiros (3S)*; tradução: Frei Roque Biscione, O.F.M. *O Espelho da Perfeição (Sp)*; tradução: Frei José Jerônimo Leite, O.F.M. **IN- Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano.** Seleção e organização: Frei Ildelfonso Silveira, O.F.M e Orlando dos Reis. 8º edição, Petrópolis: Vozes, 1997.

Obras Gerais:

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida.** Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Edusp, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente.** 2º. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes medievais da Europa.** tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média.** 5ºed.revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.

Obras Específicas:

ASSELDONK, Van Optato, O.F.M.Cap. **O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco.** Tradução: Danilo Biasi, O.F.M.Cap. CEFEPAL: Ed. Vozes, Petrópolis, 1989.

BOFF, Leonardo. São Francisco de Assis: **Ternura e Vigor; uma leitura a partir dos pobres.** 9ºed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Tradução: Marcos de Castro. 8ºed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis.** Tradução: Frei Orlando A. Bernadi, OFM/ Frei Vitório Macuzzuco. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, IFAN, 2006.

VAUCHEZ, André. S. Francisco de Assis. **In: BERLIOZ, J. (Org.). Monges e Religiosos na Idade Média.** Lisboa: Terramar, 1994.

_____. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII).** tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

_____. O Santo. **In: LE GOFF, Jacques (Org.). O Homem Medieval.** Lisboa: Editora Presença, 1989.